



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricárico	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataíde Costa Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirose Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio	
Márcia Sepúlveda do Vale	
Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling	
Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda	
Gabriel Bonatto Roani	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino	
Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves	
Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS

Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior

Organizador-Autor (Faculdade Católica Dom
Orione, Tocantins).

Jéssica Gontijo Nunes

Faculdade Católica Orione, Araguaína – Tocantins
Autora.

Juliane Hirose Malizia

Faculdade Católica Orione, Araguaína – Tocantins
Autora.

Mariana Araújo Bichuete Cavalcante

Faculdade Católica Orione, Araguaína – Tocantins
Autora.

Millais Lariny Soares Rippel

Faculdade Católica Orione, Araguaína – Tocantins
Autora.

RESUMO: O presente artigo pretende levantar pontos de reflexão e problematização em torno da polêmica existente sobre os conceitos de normalidade e anormalidade com base nos paradigmas das ciências psicológicas, que venham a questionar a sociedade normatizadora. Tal estudo viabilizará pontos de discussão em torno do processo histórico-cultural dos aspectos acerca dos conceitos de normalidade e anormalidade, percepções e questionamentos acerca do indivíduo normal e anormal, normalidade e o enquadramento em uma sociedade de consumo, a infância rotulada a partir de conceitos de normalidade

e o papel das redes sociais no tocante à influência das subjetividades e padronizações de comportamento. Para tanto, houve necessidade de coletar dados obtidos a partir de artigos, literaturas referenciadas selecionadas, às quais, serviram como fundamento teórico. Apesar de existir espaço para ampla discussão, foram encontrados poucos trabalhos relacionados a essa temática. Evidentemente, a problemática fomentada, é geradora de fatores emocionais, psicológicos, físicos e demais aspectos constituintes do ciclo vital. Por ocasião dos padrões ditos certos e errados impostos pela sociedade é notável o preconceito sobre um indivíduo que possui determinado tipo de comportamento diferenciado. Em consequência, esta situação promove a este sujeito, um prejulgamento e exclusão do meio em que vive, podendo inclusive ser qualificado como “perigoso” ou “não apto” para a convivência social.

PALAVRAS-CHAVE: Normalidade;
Anormalidade; Comportamento;
Enquadramento;

ABSTRACT: The present article intends to raise points of reflection and problematization around the existing controversy about the concepts of normality and abnormality based on the paradigms of the psychological sciences that come to question the normatizadora society. This

study will enable discussion points around the historical-cultural process of the aspects about the concepts of normality and abnormality, perceptions and questions about the normal and abnormal individual, normality and the framing in a consumer society, the childhood labeled from concepts of normality and the role of social networks in relation to the influence of subjectivities and behavioral patterns. For this, it was necessary to collect data obtained from articles, selected reference literature, which served as a theoretical basis. Although there is room for wide discussion, few works related to this topic were found. Evidently, the problematic promoted, generates emotional, psychological, physical factors and other constituent aspects of the life cycle. On the occasion of the so-called right and wrong patterns imposed by society, prejudice is noted about an individual who has a certain type of behavior. As a consequence, this situation promotes this subject, a prejudgment and exclusion from the environment in which he lives, and may even be qualified as “dangerous” or “unfit” for social coexistence.

KEYWORDS: Normality; Abnormality; Behavior; Framework

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente a chancela do ser normal ou anormal advinha de tradições, crenças e valores de um indivíduo. No século XXI, é possível analisar o impacto que esta palavra gera nos seres humanos, pois julgamos a normalidade e a anormalidade pela aparência ou pelo modo de agir dos mesmos. O filósofo Michel Foucault, demarcou um posicionamento importante quanto a esse tema, e em seu livro ‘História da loucura’ (1972) afirmou que, “Os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco significaria ser louco de um outro tipo de loucura” (FOUCAULT; 1972, p. 42).

De acordo com Nakagawa (2007), de modo distinto à Medicina, na psicanálise a “loucura” não parte da inferência da divisão entre normal e patológico. Para Freud a loucura faz parte de cada um de nós e está de certa maneira no nosso inconsciente, os “loucos” seriam aqueles que não resistiram a uma luta que é constante a todos nós na relação com o inconsciente, já uma pessoa considerada normal é aquela que possui um comportamento condizente com o momento e sentimento que está vivendo.

Atualmente, o desafio comportamental moderno se dá pela busca de identidade, a construção de si mesmo como sujeito único. A identidade resgataria a individualidade de cada ser, que apesar de ser constituída no coletivo não perderia seu valor na unicidade. Contudo, a sociedade dentro de seus aspectos de normalização postula que a identidade da população seja permanente, estável, controlada, sem grandes mudanças, paralisando o homem e sua construção não mais evolutiva.

Andery (1989, p. 61) destaca que para Ciampa a identidade é múltipla e mutável. É uma consequência das nossas relações, já que nos identificamos e nos diferenciamos através das relações sociais. Somos seres múltiplos, autores e personagens ao mesmo tempo. Contudo, a sociedade moderna, capitalista e exigente no seu princípio mais importante, o lucro, tem cobrado a potência do homem através

de uma grande competição social, manipulação da mídia e enquadramento em uma identidade estática sem construção e produtividade ficando-o em seus desejos de pertencimento e exclusão.

Sendo o sujeito um ser pensante, mutante, produtor e construtor de sua história pautado em uma época de rápidas transformações, sem tempo para pensar e refletir sobre si e seus conflitos. Isto tem causado um mal-estar em nossa civilização deixando-nos vulneráveis a surtos, crises existenciais, distúrbios emocionais, com muitas dúvidas e questionamentos. Estaria então o homem em real transformação ou se amoldando ao mundo e suas exigências estigmatizantes?

2 | PROCESSO HISTÓRICO-CULTURAL

De tempos em tempos a sociedade produz padrões de comportamento, o que gera indivíduos ‘estranhos’ que não se enquadram em nenhuma das formas impostas para a época. Segundo Bauman 1998, se as pessoas não estão sob tais características, elas se tornam o limite da sociedade:

Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo... Por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatório; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido - então cada sociedade produz esses estranhos (Bauman, Zygmunt. 1998. p. 27).

Segundo Bauman 1999, a estranheza vai muito além de conceitos ou significados, visto que, houve grandes mudanças no decorrer dos tempos. E através destas mudanças, o surgimento de classificações promoveram a produção das diferenças, que ao longo de sua história enfrentaram suas próprias convicções:

O fenômeno da estranheza não pode, porém, ser reduzido à geração de problemas hermenêuticos, por mais exasperantes que sejam. A insolvência da classificação aprendida é bastante perturbadora, embora percebida como algo menos que um desastre enquanto possa ser referida a um conhecimento que falta. Se pelo menos eu soubesse essa língua; se pelo menos eu quebrasse o mistério desses costumes estranhos...A diferença é algo com que se pode viver na medida em que se acredita que o mundo diferente é, como nosso, um “mundo com uma chave”, um mundo ordenado como o nosso, apenas mais um mundo ordenado por amigos ou inimigos, sem híbridos para distorcer o quadro e confundir a ação e com regras e divisões que podemos ainda desconhecer, mas que podemos aprender se necessário (BAUMAN, ZYGMUNT. 1999. p.65-66).

Assim, as relações do passado eram reduzidas à ‘amigos’ e ‘inimigos’, onde as diferenças e estranhezas eram pouco percebidas, o que não geraram grandes desafios e com a característica de densa sociabilidade. Os ditos ‘estranhos’ poderiam se enquadrar em umas das duas categorias, e preferencialmente, àquela que estivesse

com maior influência ou poder na sociedade. Ainda segundo o autor, os Estados nacionais deveriam tendenciar os comportamentos à coletivização da amizade, e com isso, requerer uma doutrinação e força para então, padronizar aspectos comportamentais e cognitivos (BAUMAN, 1999).

Docilizando corpos, docilizando mentes, serializando comportamentos, mantendo o humano dentro de padrões pré-estabelecidos e sob domínio da estruturação do status quo dominante, desmerecendo com olhos atravessados a quem se designa ao papel maior da contestação, da insurgência e do questionamento. Fazendo crer que a unanimidade eleva a potencialidade do ser e que as diferenças suscitariam o conflito tão importante para a mudança do estado morno do comportamento dócil das massas.

O Caso de Emily Cho

Mais ou menos três décadas atrás, Emily Cho ofereceu às mulheres americanas um serviço computadorizado de assessoria em moda. O questionário que se pedia às clientes, em perspectiva, para responder, investigava a imagem que a cliente queria projetar e como desejava que essa imagem fosse modificada para passar a individualidade, o jeito único, na verdade, do seu caráter. O restante devia ser feito pelo computador, que descobriria como uma cliente deveria montar seu guarda-roupa de forma a atingir os seus objetivos. A empresa de Emily Cho foi um grande sucesso.

No começo, ela achava que a intenção das suas clientes deveria ser desviada ao máximo da ideia de que “suas esperanças e sonhos pessoais eram entregues ao frio computador”. Para sua surpresa, logo notou que a estratégia proposta era mais eficiente: “a ideia do computador era exatamente o que atraía as mulheres”. As clientes pareciam gostar do envolvimento com alta tecnologia, na qual, aparentemente confiavam. Afinal, “o que precisavam era de uma fórmula clara para se vestir bem, não de uma ideia Caprichosa nascida do cérebro de outra mulher”. A senhorita Cho acreditava, porém, que suas clientes ainda não precisavam sentir que a “máquina distante, possivelmente desgovernada”, não era operada por conta própria. A consciência de que outra mulher, a própria senhorita Cho, estava de alguma forma presente para manter o computador sob controle era tranquilizadora. Pelo menos foi a conclusão a que chegou a senhorita Cho.

O intuito da história é demonstrar que o indivíduo através de uma certa autonomia mascarada por uma submissão (aceitação) precisa de uma confirmação popular, a de afirmar que a própria individualidade segue o contexto imposto. As clientes de Emily não se sentiam bem pelo fato de não estarem adequadas de acordo com os costumes da época, assim estariam integrando suas individualidades a uma forma visível imposta na situação.

Em períodos mais recentes e com a proteção do estado, a destruição física e da cultura dos não-ajustáveis foi uma “destruição criativa”, segundo Bauman (1998). Seguindo a ambivalência de destruir e construir ao mesmo tempo, destaca-se o

processo que se perpetuou ao longo da história da civilização. Onde quer que seja constituída uma estrutura de socialização, haverá ali, uma ordem de estranhos que precisará ser descartada. Assim, aqueles considerados desapropriados à determinada sociedade ou território, serão considerados tal como uma tendência obscura em uma situação que deveria ser vista com clareza, que ultrapassou a fronteira e limite imposto.

De acordo com a teoria de Foucault, em seus apontamentos que tratam acerca do controle humano, o panótico seria uma estrutura em formato circular, em seu centro localizava-se um pátio com uma torre no meio com um vigilante, encarregado de vigiar celas, que se localizam no entorno. Tudo que estivesse no centro ou dentro das celas seria exposto ao vigia, já quem estivesse nas celas não conseguiria enxergar o exterior. Neste contexto, o poder é simbolizado através do controle das massas, formatando populações totalmente controladas e vigiadas, com o objetivo de normatizar os indivíduos, produzir o normal e conseqüentemente, ao não seguir tais regras, eclode o ser anormal. (FOUCAULT 2005 Apud SILVA, 2008. p. 141-150).

3 | PERCEPÇÕES ACERCA DO INDIVÍDUO NORMAL E ANORMAL

As percepções sobre normalidade se modificaram ao decorrer dos anos, atualmente há uma confusão de conceitos entre o que vem a ser considerado normal, anormal e o patológico, o que gera questionamentos acerca do que a sociedade determina para estas classes e estados comportamentais frente ao ambiente social. Para responder a essas perguntas, se faz necessário realizar um levantamento teórico acerca dos estereótipos que as pessoas fazem sobre o comportamento considerado normal e anormal.

Segundo o Glossário de Termos Médicos Técnicos e Populares (2000), o termo normalização tem como significado a padronização, unificação e standardização. Já o termo anormal tem como significado anormal e aberrante. A normalização seria considerada a padronização de algo ou alguém, já o anormal estaria no hall do que é considerado contrário à lógica, verdade, ideia ou norma, sendo, até mesmo, visto como defeituoso.

GANGUILHEM, 2002, p. 92, aduz que:

“A norma é um conceito que não deve ser reduzido, pois não se tem uma ciência biológica do normal e sim uma ciência das condições biológicas que são consideradas normais”.

De acordo com Ganguilhem (2002, p. 145) ser anormal não significa que o indivíduo possui necessariamente uma patologia, mas o patológico é anormal. Rabaud difere anormal de doente, pois o uso incorreto da palavra faz com que o anormal se torne uma espécie de adjetivo de anomalia, tornando-se assim, anormal doente.

Segundo o critério de adaptação, a doença anomalia não possui motivos para alteramos os atributos de vocábulos. Para conceituar o patológico como normal, deve-

se definir o normal e o anormal por meio da frequência estatística relativa, visto que, a saúde completa contínua ainda pode ser considerada um fato anormal. A palavra saúde possui dois sentidos, a saúde como um bem orgânico e a saúde adjetivada que estabelece uma disposição e reação a possíveis doenças. Sendo assim, ao expressar que o indivíduo possui uma saúde perfeita é anormal, pois o fato de estar vivo inclui a experiência de que a qualquer momento pode haver a aquisição de qualquer doença física ou psíquica.

O termo estigma é frequentemente utilizado com a finalidade de referenciar um atributo depreciativo, mas é necessário que seja utilizado mediante o uso de linguagem dentro do âmbito das relações e não apenas de características do indivíduo. Sendo assim, um atributo que estigmatiza alguém pode atestar a normalidade de um indivíduo. Diante disso, a categoria social pode contribuir a um padrão de julgamentos que esse grupo e outros consentem, mas que ao mesmo tempo, não os utilizam. A diferença consiste em cumprir uma norma ou apoiá-la. A indagação do estigma surge quando há expectativa de que a norma não deveria ser apenas apoiada, e sim, cumprida. Dessa forma, é notado que um indivíduo não possa viver de acordo com o que é esperado dele, e mesmo assim, ainda se mantém protegido de sua identidade e se sente um ser humano normal (GOFFAMAN, 1988).

3.1 Normalidade e enquadramento em uma sociedade de consumo

A sociedade contemporânea e capitalista exige que as relações de consumo direcionem o ser para a manutenção de seu status quo, cobrando continuamente a potência do homem através das competições sociais, manipulando a mídia e o enquadre do ser envolvendo-o em uma identidade estática, sem (re) construção e produtividade, jogando com seus desejos de pertencimento e inclusão.

O fato de vivermos sob o capitalismo e a complexidade crescente da sociedade moderna impede-nos de ser verdadeiramente sujeitos. A tendência geral do capitalismo é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado (torna-se trabalhador-mercadoria e não trabalha autonomamente; torna-se capitalista-propriedade do capital e não proprietário das coisas). Recorrendo a uma metáfora já utilizada anteriormente, o homem deixa de ser verbo para ser substantivo. (CIAMPA, 1989, p. 72)

Este ser pensante, mutante, produtor e construtor de sua história encontra-se em uma época de rápidas transformações, com tempo escasso para pensar e refletir sobre si e seus conflitos. Tal ambiente, tem causado dificuldades adaptativas em nossa civilização deixando-nos vulneráveis a processos patológicos desestruturantes, crises existenciais e distúrbios emocionais.

Segundo o relatório da Organização Mundial de Saúde publicado em 2001, Transtornos Mentais e comportamentais “caracterizam-se, geralmente, por combinação de ideias, emoções, comportamentos e relacionamentos anormais com outras pessoas”. Os transtornos mentais atingem mais de 25% da população em algum determinado

momento da sua vida, já 10% em qualquer momento da fase adulta e cerca de 20% dos pacientes atendidos pelo sistema básico de saúde têm uma ou mais perturbações mentais e do comportamento.

De acordo com a OMS (2001 p.53) “entendem-se por perturbações mentais e comportamentais [...] alterações do modo de pensar e do humor (emoções) ou por comportamentos associados com a angústia pessoal e/ou deterioração do funcionamento.” Uma em cada quatro pessoas no mundo sofrerá uma alteração de saúde mental no decorrer de sua vida.

Problemas de saúde mental são responsáveis por uma grande quantidade de mortalidade e incapacidade, sendo responsável por 8,8% e 16,6% do total da carga de doença devido às condições de saúde em países de baixa e média renda. E a depressão será a segunda maior causa de incidência de doenças em países de renda média e a terceira maior em países de baixa renda até 2030.

As dificuldades psíquicas, aqui retratadas por dados oficiais, estimulam a nossa desconfiança quanto ao grau de implicação de uma sociedade de consumo estigmatizante/normatizante e os desajustes experimentados pelo homem a partir das influências que impactam os aspectos de sua formação e conduta.

Tal como diria Marx. Engels, 1998, p3:

Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. Organizaram suas relações em função das representações que faziam [...] do homem normal etc. Esses produtos de seu cérebro cresceram a ponto de dominá-los completamente.

Segundo Foracchi e Martins (1977, p. 24), a anomalia partiria na percepção de nosso senso comum, de um volume de pré-conceitos; ou seja, descrevemos como anômalo o que não é “normal”, e o normal seria todo o conjunto de ordenamentos éticos e contínuos de controle social, cuja violência, simbólica ou não, enquadra os seres humanos em suas diferenças individuais ou grupais e conforme a perspectiva classista dominante, que determina o “consenso compulsório”.

O domínio se daria pela formatação do pensamento, dentro daquilo que é considerado ‘correto’ e que, de algum modo, é aceito pela maioria em busca do afastamento dos sentimentos de rejeição provocados pelo discordar...o peso do afastamento se dará a qualquer um que ousar pensar diferente, agora classificado como insano, como despossuído de razão por não se adequar ao *modus vivendi* da maioria.

Conforme Chauí (1995, p. 167), a inversão entre “causa e efeito”, “princípio e consequência”, fez com que a experiência social direta fosse determinada apenas por sua aparência, onde as imagens desembocam invertidas no imaginário coletivo, que compõem um conjunto de representações entre os humanos e suas relações entre si, as coisas, valores, etc.

Portanto, as delimitações existentes e direcionadas ao ser, no sentido da castração da busca do eu, patologiza, adocece, condena-o ao sepulcro existencial,

agora inserido em um meio normatizante, que não dialoga com as diferenças e que provoca o banimento de quem, por opção ou destino, insiste em não contentar-se com o mundo obscuro das sombras projetadas em uma parede ao fundo de uma caverna.

4 | DESENVOLVIMENTO E ENQUADRAMENTOS – A INFÂNCIA ROTULADA.

Ainda na infância, inúmeras formas de normatização podem ser detectadas, as regras institucionais atuam sobre o comportamento, na educação, na vestimenta, na fala, etc. tal possibilidade ocorre, porque os serviços ofertados por estas instituições, ao longo do tempo, se preocupam em manter o controle de todo o processo de ensino.

Tais relações de poder são causadoras de sofrimento e por vezes, contrapondo-se às verdadeiras habilidades do indivíduo, juntamente com sua forma criativa de pensar, cultivando um terreno fértil para toda sorte de *'encaixotamentos psicossociais'*, estabelecendo como padrão a comparação a outros indivíduos e, por vezes, estigmatizando-o como incapaz por não se adequar à maioria *'serializada'*, o que certamente acabará por suprimir seus desejos e fantasias tão importantes e necessárias junto a esta fase de desenvolvimento.

A infância necessita ser um período que propicie este bem-estar, diretamente ligado a uma condição de descontração, liberdade, criatividade de pensamento, autonomia a fim de beneficiar o processo de desenvolvimento da pessoa humana. Contudo, diante das realidades políticas e sociais as quais vivenciamos atualmente em nosso país, será que estamos preparados para lidar com as diferenças? Será que saberemos valorizar as diversas formas de expressão e inteligência?

Crianças portadoras de transtornos ou déficits com carência de atenção, tratamento e acolhimento, mas, como estas crianças seriam vistas, nesta condição, por esta sociedade normatizante? De que maneira ela se percebe e são percebidas junto a este contexto?

Por seu estado, podem sentir-se excluídas tendo sua autoestima afetada. Como exemplo, algumas podem ter dificuldades em conseguir brincar com outras, tirar notas mais baixas, ser mais dispersa, apresentar maior dificuldade para manter a concentração, foco, como também traços de agressividade e intolerância a regras e aspectos sociais esperados para o comportamento em cada fase de desenvolvimento.

Em casos onde o comprometimento se dá junto à aquisição e construção dos conhecimentos, evolução da estrutura mental e desenvolvimento das emoções, é importante que se diga que, ao serem diagnosticadas precocemente seguidos de um tratamento adequado, possivelmente terão uma grande possibilidade de adquirirem um bom rendimento nos aspectos relacionados à aprendizagem conquistando uma boa qualidade de vida. Associado a um acompanhamento que alcance as particularidades e valorize os elementos positivos que estão além das diferenças e situações de conflitos. (ECCHELI, 2008).

A escola por sua vez, não considera como válido o repertório de aprendizagens que o aluno traz de seu cotidiano, enquanto cidadão advindo dos mais diversos e comprometidos contextos sociais. Embora seus desempenhos até então tivessem sido suficientes na vida fora da escola, são considerados agora, inadequados, com uma linguagem insuficiente e uma resposta educativa abaixo dos padrões esperados pela escola. Os alunos, por não adquirirem e produzirem os conhecimentos necessários às atividades escolares são considerados incompetentes ou com baixo rendimento escolar. A escola não está preparada para receber os alunos que representam uma diversidade cultural ou que difiram do aluno padrão. (RODRIGUES; ARAGÃO 2017, v.21. p. 984).

Segundo Patto (2000, p. 67), instituições como escolas públicas situadas em bairros pobres fazem uso inadequado de diagnósticos e laudos que estigmatizam e justificam a situação dos excluídos, “reduzidos a coisas com defeitos de funcionamento”.

Os alunos portadores de dificuldades de escolarização são frequentemente encaminhados para diagnóstico psicológico. Professores, coordenadores e demais profissionais da Escola anseiam por um lugar onde possam encaminhá-los e de onde recebam um laudo revelador das causas individuais dessas dificuldades. E os “exames psicológicos” quase sempre indicam a presença de deficiências ou distúrbios mentais nos alunos encaminhados, ou seja, são eles os portadores de desajustes, desequilíbrios, deficiências mentais, distúrbios emocionais ou neurológicos, agressividade, hiperatividade, apatia, trauma, disfunção cerebral mínima, complexos e tantos outros estigmas. Assim, são os alunos individualmente que não têm capacidade de aprender, são eles os grandes problemas da escola, reduzidos a meros objetos, independentes das dimensões sociais e políticas das instituições escolares, nas sociedades divididas em classes. (ASBAHR E LOPES, 2006 p.60).

Segundo Asbahr & Lopes (2006), por vezes a lógica Médica é utilizada determinando o agente biológico como causa de doenças relacionadas a não aprendizagem. Então, como definir seguramente quando alguém é portador de um transtorno psiquiátrico sem que seu diagnóstico possa causar-lhe maiores danos? Desconsiderar os contextos familiares, sociais e econômicos dos alunos ou de qualquer outra pessoa, significa considerar que estes apresentam desempenhos iguais, desta forma estaríamos negando sua subjetividade e carga de diversidade, anulando a multiplicidade e sua unicidade. Cada um com seus diferentes saberes, origens e formas de ser em sua estrutura personal. Todos esses fatores cruciais influenciam diretamente no processo de aprendizagem em geral, visto que a escola tem lugar fundamental no processo de construção e constituição do sujeito. No entanto, a quem esta serve, às estruturas estigmatizantes ou ao escopo que realisticamente venha a ser transformador?

Em conformidade, o poder para Michel Foucault (2008, p.119) não só suprime, mas também produz saberes. O poder e o saber exercido sobre o outro tornando dócil e maleável. A partir do século XVIII o saber médico possibilitava não só a cura, mas agia interventivamente na vida das pessoas. O interesse não estava apenas em aconselhá-las acerca de seu estado de saúde, mas em intervir físico e moralmente, controlando e afetando suas autonomias vitais.

Estes corpos, além de dóceis, agora eram moldáveis. Desta forma a medicina

social através da biopolítica monitorava corpos e mentes utilizando-se da medicalização e da patologização. Essas estratégias de poder “normatizavam, enquadravam, adestravam” a fim de controlar os indivíduos reduzindo-os a diagnósticos psiquiátricos, tornando-os impossibilitados de exercerem seus papéis na sociedade, definindo-os tal como normais ou anormais, corpos maleáveis que perdiam a força e sujeitavam-se à obediência política, a saberes instituídos que quase sempre pareciam inquestionáveis, agora aprisionados às amarras das identidades mecânicas.

Atualmente, as instituições parecem estar mais interessadas em portar a identidade “inclusiva” em suas cartilhas de apresentação sem sequer possuírem o mínimo de preparo ou instalações adequadas para lidarem com todas as problemáticas advindas junto ao termo. Quando nem mesmo seus cuidadores ou auxiliares foram capacitados para essa ocupação, apenas se apropriam das vagas por apadrinhamentos políticos, acarretando prejuízos permanentes para o desenvolvimento dessas crianças.

Outro problema que vem aparecendo com bastante frequência em nossos dias, é a existência de uma troca de responsabilizações entre instituição e família atribuindo momentaneamente culpabilidades ora a uma, ora a outra, defendendo suas posições e justificando o baixo desempenho e evolução das habilidades cognitivas dessa criança.

A medicalização do fracasso escolar passa então a exercer um papel fortemente tranquilizador para a escola e para o sistema. “Tudo está indo muito bem, pena que 50% a 70% de Joãozinhos e Mariazinhas, individualmente, tenham problemas de saúde, sejam imaturos, desajustados, carentes... e por isso fracassem logo na primeira série do ensino fundamental.” Esta medicalização cumpre um papel ideológico tão preponderante, que temos observado que nem mesmo professores com grande compromisso político conseguem rompê-lo. (COLLARES, 1996 p. 27).

Portanto, a quem interessa o diagnóstico e o efeito que seu resultado pode causar? Será que existe ganho em docilizar a “criança problema”, a fim de torná-la controlável? Os Psicodiagnósticos não estariam sendo utilizados de maneira generalistas para justificar um comportamento “diferente” outrora questionado?

Conto: Flor vermelha de caule verde!

Helen Barckley

Era uma vez um menino. Ele era bastante pequeno e estudava numa grande escola. Mas, quando o menino descobriu que podia ir à escola e, caminhando, passar através da porta ficou feliz. E a escola não parecia mais tão grande quanto antes.

Certa manhã, quando o menininho estava na aula, a professora disse:

– Hoje faremos um desenho.

– Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer desenhos. Podia fazê-los de todos os tipos: leões, tigres, galinhas, vacas, barcos e trens. Pegou então sua caixa de lápis e começou a desenhar. Mas a professora disse:

– Esperem. Ainda não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

– Agora, disse a professora, desenharemos flores.

– Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de desenhar flores. E começou a desenhar flores com seus lápis cor-de-rosa, laranja e azul. Mas a professora disse:

– Esperem. Vou mostrar como fazer. E a flor era vermelha com o caule verde.

Num outro dia, quando o menininho estava em aula ao ar livre, a professora disse:

– Hoje faremos alguma coisa com barro.

– Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de barro. Ele podia fazer todos os tipos de coisas com barro: elefantes, camundongos, carros e caminhões. Começou a juntar e a amassar a sua bola de barro. Mas a professora disse:

– Esperem. Não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

– Agora, disse a professora, faremos um prato.

– Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos. A professora disse:

– Esperem. Vou mostrar como se faz. E ela mostrou a todos como fazer um prato fundo. Assim, disse a professora, podem começar agora.

O menininho olhou para o prato da professora. Então olhou para seu próprio prato. Ele gostava mais de seu prato do que do da professora. Mas não podia dizer isso. Amassou o seu barro numa grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo.

E, muito cedo, o menininho aprendeu a esperar e a olhar, e a fazer as coisas exatamente como a professora fazia. E, muito cedo, ele não fazia mais as coisas por si mesmo.

Então aconteceu que o menino e sua família mudaram-se para outra casa, em outra cidade, e o menininho teve que ir para outra escola.

No primeiro dia, ele estava lá. A professora disse:

– Hoje faremos um desenho.

– Que bom! Pensou o menininho. E ele esperou que a professora dissesse o que fazer. Mas a professora não disse. Ela apenas andava pela sala. Então, veio até ele e falou:

– Você não quer desenhar?

– Sim, disse o menininho. O que é que nós vamos fazer?

– Eu não sei até que você o faça, disse a professora.

– Como eu posso fazer? Perguntou o menininho.

– Da mesma maneira que você gostar. Respondeu a professora.

– De que cor? Perguntou o menininho.

– Se todos fizerem o mesmo desenho e usarem as mesmas cores, como eu posso saber quem fez o quê e qual o desenho de cada um?

– Eu não sei, disse o menininho.

E ele começou a desenhar uma flor vermelha com caule verde.

Conto de Helen Barckley - 2010

5 | REDES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E PADRÕES DE NORMALIDADE

Com a eminente necessidade de socialização do sujeito, ao longo do tempo foram criadas ferramentas com o intuito de ajudar este homem junto a esse processo. No princípio, os mais conhecidos meios para que esta socialização acontecesse eram a escola, o trabalho, lugares de lazer e até mesmo com grupos de bairros e ruas para que houvesse uma interação por inteiro do sujeito, porém, nos dias atuais as mídias sociais vêm roubando espaço e ‘integrando indivíduos’ até mesmo de outros lugares do mundo (CIRIBELI&PAIVA, 2011).

Para muitos, pensar em redes sociais e mídias, é sinônimo de estar inserido no universo, no dito mundo globalizado. Mídia social é o meio que determinada rede social utiliza para se comunicar. São várias as categorias de interação dentro das redes, como por exemplo, contatos profissionais, amizades, relacionamentos amorosos, pesquisas, dentre outros que se dão por meio de compartilhamento de áudios, vídeos, fotos, documentos e outros (CIRIBELI&PAIVA, 2011).

Segundo Souza e Quandt (2008), “redes sociais são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente de forma descentralizada”, ou seja, é um local onde pessoas podem encontrar outras pessoas que possuem mesmas características que elas. Concordando com essa ideia, Cibelli e Paiva (2011), dizem que um dos fatores de grande sucesso das redes sociais, se dá “pela liberdade de expressão e realidade dos conteúdos postados”, mas paralelo a isso, podemos presenciar que nem sempre pessoas concordam com essas ideias, indo além...proporcionando um cenário reacionário que massacra a quem ousa pensar de forma diferenciada às categorizações impostas pela maioria, então... está aí, o terreno preparado para o *cyberbullying*, onde comunidades e perfis falsos, blogs anônimos são algumas das formas encontradas pelos agressores virtuais para atacar suas vítimas.

Por ser um lugar que agrupa pessoas de diferentes raças, culturas, gêneros, opiniões, religiões e dogmas, é natural que divergências ocorram, mas novamente podemos questionar “o que seria normal ser compartilhado nas redes sociais”? E “o que seria anormal ser compartilhado nas redes sociais”? Uma vez que devemos lembrar da subjetividade do ser humano, de que o que pode ser normal para um sujeito pode não ser para outro, visto que temos histórias de vidas diferentes, dentro de sociedades diferentes, dentro de culturas diferentes...então, qual seria a necessidade de encararmos tudo isso de forma única?

Com esse grande advento das redes sociais, muitos vem tirando proveito disso, como marcas, empresas, ONGS e até mesmo celebridades para a disseminação de seu nome. A partir disso, muitas pessoas estão ascendendo dentro das redes sociais e criando status que foram denominados “*digital influencer*”, e ao fazer uma análise superficial do perfil dessas pessoas nas redes sociais, podemos perceber um padrão físico e comportamental, que visa determinar propostas de comportamentos

'serializados'.

Há, neste contexto, um forte conteúdo de influência do padrão capitalista de consumo, que determina e define aquilo que deve ser usado como padrão de normalidade e tendência de comportamento. Tais pessoas, não raras as vezes, recebem presentes de marcas para que haja divulgação das mesmas em suas redes de relacionamento, conduzindo o processo de manipulação das massas ao enquadre e ideação de que a pessoa perfeita é aquela que segue a moda, o momento, os padrões e que ser *'descolado'*, é estar inserido em uma rede de consumo igualitária, sem vieses alternativos.

A partir do sentimento em que o sujeito busca ser aceito no meio digital, uma grande padronização acaba sendo criada, pessoas *'serializam-se'* visando aceitação, buscando mais seguidores, mais curtidas etc. isto é, buscam sua normalidade, agora enquadrada, no meio digital, temendo qualquer questão que instigue a possibilidade de saída desse modelo de referência, pelo receio da não aceitação, do não referenciamento, do sentimento de estranheza ou de serem taxadas de excêntricas e até mesmo anormais.

Ao se moldarem aos padrões das redes sociais, tais indivíduos não percebem que agora fazem parte de uma grade engrenagem que visa domínio e corte de pensamento crítico. O importante agora, é ser igual para pertencer, ser normal é fazer igual, estar com a maioria passa a ser mais perigosa das doenças silenciosas em busca da dita excelência das redes sociais, porém o que nos esquecemos é de que a felicidade (também) é subjetiva.

Dela Coleta & Dela Coleta (2006) enfatizam que os estudos sobre felicidade aumentaram nas últimas duas décadas, e trazem 3 princípios que Freire (2001) destaca como importantes: 1) o bem-estar subjetivo nem sempre é acometido por condições materiais, de saúde, conforto e riqueza, sabendo-se que a influência destes aspectos depende dos valores e expectativas do indivíduo, do grupo a que pertence e da sociedade na qual vive; 2) medidas de aspectos positivos têm sido utilizadas, a despeito dos aspectos negativos na vida do indivíduo, sabendo-se que o bem-estar subjetivo tem sido considerado como resultado do balanço entre afetos positivos e negativos; 3) e finalmente, as medidas de bem-estar subjetivo incluem um julgamento global de todos os aspectos da vida.

Levando em consideração o avanço das mídias sociais e sites de relacionamento, pensar em isolamento e distanciamento da internet, é quase incabível, completamente fora de propósito no mundo atual, afinal, a tendência mundial no tocante às interações globalizadas se fazem cada mais fortes e permeiam nosso dia-a-dia. Contudo, o olhar crítico, o detectar dos processos de manipulação, o questionamento das ideologias não pode e nem devem perder-se.

A inclusão digital não deve interromper o papel de protagonismo do sujeito, devendo este ser respeitado em suas diferenças, pensamentos, modos de ser e agir, com direitos assegurados em sua subjetividade, não devendo amoldar-se, não tendo

seus direitos quebrados por receitas prontas de comportamento, comemorando a individuação como o bem mais precioso que o ser humano pode carregar consigo, a arte de ser ele mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual seria o padrão de normalidade aceitável em nossa sociedade? O que é e como deve conduzir-se o ser humano normal diante dos estímulos sociais? As perguntas que norteiam esta discussão trazem à tona questões e conceitos que estão diretamente associadas às crenças de uma dada sociedade, idealizações que norteariam regras de conduta e convivência, bem como processos de manipulação e de enquadramento comportamental que objetiva a serialização do comportamento do indivíduo.

As normas sociais às quais os indivíduos estão submetidos indicam a direção a ser seguida e o comportamento a ser adotado. A quebra dessas regras não trata de simples rebeldia ou antagonismo gratuito, direciona o pensamento para uma estrutura de domínio que não lida bem com a diferença, com as subjetividades e com qualquer postura que venha a questionar o status quo do sistema capitalista vigente.

O sistema normatizante abarca a todos os indivíduos desde os seus primeiros contatos com o cenário social, dotado de uma abrangência que direciona os mesmos para amarras e condicionantes que determinam o modo de vestir, o modo de falar, as atitudes, os gostos etc.

Estariam os homens imunes às regras determinantes da cultura de um povo? Embora os conceitos de normalidade e anormalidade sejam “normais” e comuns a todas às culturas, percebe-se que muitos desses direcionamentos estão a serviço de um senhor, senhor este, nem sempre visível que manipula e que gera comportamentos, que não aceita grandes distorções e que pune quando colocado em xeque.

O controle se faz sorrateiro, maquiado em cores, músicas vibrantes ou que tocam a algum possível desapontamento emocional, estimulante da onipotência humana que busca o sentimento de pertença e não exclusão, que não deseja parecer diferente ou fraco e que necessita dos laços identificatórios para caminhar em paz, agora corpo dócil e submerso na igualdade.

A elasticidade das diferenças, dos contrários e dos dinamismos se faz importante em meio ao processo de serialização social, o excesso de definições e delimitações constantes também acarretam sofrimento e adoecimento psíquico. Não se trata de negar a cultura e as características de um povo que se reconhece por tais aspectos, mas de aceitar, que as diferenças, também fazem parte deste cenário, que existe um mundo fora dos enquadramentos, que há vidas que não necessitam ser julgadas pelo simples fato de serem diferentes e que não há sentimento maior e melhor, do que o sentimento de liberdade.

Liberdade de ser o que quiser, a hora que quiser e como quiser, sem padronizações

que venham a ferir o indivíduo, sem o peso do julgamento das massas de pensamento igual e conceitos pré-estabelecidos, respeitando o fluxo contínuo das mudanças tão próprias do ser humano e tão necessárias para o subsídio de seu processo evolutivo.

Como diria Erasmo de Roterdam em sua famosa obra “*Elogio da Loucura*”:

Digam de mim o que quiserem (pois não ignoro como a loucura é difamada todos os dias, mesmo pelos que são os mais loucos), sou eu, no entanto, somente eu, por minhas influências divinas que espalho alegria sobre os deuses e sobre os homens

Afinal, não se tem conhecimento, que na história da humanidade, homens comuns tenham conseguido mudar o mundo, os de pensamento libertário em suas respectivas épocas, foram chamados de loucos, lunáticos e insanos, estimulados a desistirem de seus sonhos sob a égide de olhares inquisidores...para nossa sorte e pelo bem da humanidade, todos estes incautos, não desistiram.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. Silva; LOPES, Juliana. Silva: “**a culpa é sua**”. *Psicologia USP*, 17 (1), 53-73. 2006.

BARCKLEY, Helen. **Conto: Flor vermelha de caule verde**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3255227/mod_resource/content/1/Conto%20-%20Flor%20vermelha%20de%20caule%20verde>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luíz Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, S. T. M. CODO, W. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CIRIBELI, J. P.; PAIVA, V. H. P. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado**, *Mediação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, jan./jun. de 2011.

COLLARES, C. A. L. (1996). **Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. - ensino e medicalização** (pp. 24-28). São Paulo/Campinas: Cortez/Edunicamp.

DELA COLETA, José Augusto & Marília Ferreira, DELA COLETA. (2006). **Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006.

DIENER, E. & SUH, E. M. (2000). **Culture and subjective wellbeing**. Cambridge: MIT.

ECHELÍ, S. D. **A motivação como prevenção da indisciplina**. *Educ. rev.* [online]. 2008, n.32, pp.199-213. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602008000200014>.

FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José. S. *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

FREIRE, S. A. (2001). **Bem-estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade**. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Éditions Gallimard, 1972.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 5.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GOFFAMAN, E. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NAKAGAWA, Patricia Yumi. Disponível em: <<http://www.palavraescuta.com.br/perguntas/oqueeloucura>><<http://www.palavraescuta.com.br/perguntas/o-que-e-inconsciente>>acesso em 10 de fevereiro de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. O peso dos transtornos mentais e comportamentais. RELATÓRIO SOBRE A SAÚDE NO MUNDO 2001 - SAÚDE MENTAL: NOVA CONCEPÇÃO, NOVA ESPERANÇA. Genebra: OMS, 2001.

PATTO, Maria. Helena Sousa: **Para uma crítica da razão psicométrica. Mutações do cativo**. (p. 65-83) São Paulo: Edusp, 2000.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; ARAGÃO, Wilson Honorato; RODRIGUES, Silvestre Coelho. Políticas públicas de educação no Brasil: **fracasso escolar, culpabilização dos alunos e inocentização da escola**. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p. 000-000, nov. 2017.

SELIGMAN, M. (2004). **Felicidade autêntica: usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente**. Rio de Janeiro: Objetiva.

SILVA, M. M. **Saúde Mental e a Fabricação da Normalidade: Uma Crítica aos Excessos do Ideal Normalizador a Partir das Obras de Foucault e Canguilhem**. Interação em Psicologia, Curitiba, jan./jun. 2008, 12(1), p. 141-150.

SILVA, Thiago Loreto Garcia da; BRUNET, Einloft; LINDERN, Daniele e PIZZINATO, Adolfo. **O normal e o patológico**: contribuições para a discussão sobre o estudo da psicopatologia. *Aletheia* [online]. 2010, n.32, pp. 195-197. ISSN 1413-0394.

SOUZA, Queila R. & QUANDT, Carlos O. **Metodologia de Análise de Redes Sociais**. In: F. Duarte; C. Quandt; Q. Souza. (Org.). O Tempo das Redes. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 31-63.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

